



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS - CEFD

MANUELA BARCELOS GOES

Entre Traves e Entraves: Investigando a evasão de alunas iniciantes do projeto de extensão
“futsal universitário feminino” da UFES

VITÓRIA

2023

MANUELA BARCELOS GOES

Entre Traves e Entraves: Investigando a evasão de alunas iniciantes do projeto de extensão
“futsal universitário feminino” da UFES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Centro de Educação Física e Desportos da
Universidade Federal do Espírito Santo, como
requisito parcial para obtenção do grau de
Bacharel em Educação Física.

Orientadora: Dra. Mariana Zuaneti Martins

VITÓRIA

2023

MANUELA BARCELOS GOES

Entre Traves e Entraves: Investigando a evasão de alunas iniciantes do projeto de extensão
“futsal universitário feminino” da UFES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Centro de Educação Física e Desportos da
Universidade Federal do Espírito Santo, como
requisito parcial para obtenção do grau de
Bacharel em Educação Física.

Aprovada em:

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a. Dr.^a. Mariana Zuaneti Martins

Prof. Dr. Ubirajara de Oliveira

Sra. Maria Paula Louzada Mion

RESUMO

A preocupação com a desigualdade de gênero nos espaços esportivos e de atividades físicas norteou esta pesquisa que buscou identificar alguns dos motivos desmobilizadores, as barreiras e as dificuldades para a permanência na prática do futebol/futsal por mulheres ao investigar a evasão de jovens estudantes iniciantes do Projeto de Extensão “Futsal Feminino Universitário” do Centro de Educação Física e Desportos (CEFD) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Através de entrevistas semiestruturadas realizadas com as participantes deste projeto observa-se que seus depoimentos encontram ressonância nas análises de outras/os autoras/es mencionadas/os neste estudo. As análises foram divididas em quatro tópicos ao longo do capítulo intitulado “A trajetória de jovens iniciantes no futsal universitário”, num primeiro momento são analisadas as questões a respeito das primeiras experiências das entrevistadas com o futebol ou futsal. Em seguida, observa-se o impacto que as representações de gênero no âmbito do futebol têm sobre as oportunidades de prática do futebol/futsal para mulheres. Posteriormente, discute-se sobre como ocorreu o interesse das jovens pelo projeto de extensão já no contexto universitário e, por fim, comentamos as dificuldades encontradas por elas para incorporarem a prática deste esporte no cotidiano diante de outras demandas da vida profissional, acadêmica e pessoal. Deste modo, conclui-se que os estereótipos de gênero ainda determinam não apenas a participação ou não de meninas e mulheres em espaços esportivos, mas também o lugar que a atividade física ocupa em suas vidas e como são vistas pela família e pela sociedade.

Palavras-chaves: futebol feminino; futsal feminino; educação física; estereótipos de gênero; desigualdade de gênero

ABSTRACT

The concern with gender inequality in sports and physical activities guided this research that sought to identify some of the demobilizing reasons, barriers and difficulties for the initiation of the practice of women's soccer/futsal by investigating the evasion of young beginner students of the Project of Extension “ University Female Futsal” of the Physical Education and Sports Center (CEFD) of the Federal University of Espírito Santo (UFES). Through semi-structured interviews carried out with the participants of this project, it is observed that their statements resonate with the analyzes of other authors mentioned in this study. The analyzes were divided into four topics throughout the chapter entitled “The trajectory of young beginners in university futsal”, at first the questions regarding the first experiences of the interviewees with soccer or futsal are analyzed. Next, we observe the impact that gender representations in soccer have on opportunities for women to practice soccer/futsal. Subsequently, it is discussed how the interest of young women in the extension project occurred already in the university context and, finally, we comment on the difficulties encountered by them to incorporate the practice of this sport in their daily lives in the face of other demands of professional, academic and personal life. . Thus, it is concluded that gender stereotypes still determine not only the participation or not of girls and women in sports spaces, but also the place that physical activity occupies in their lives and how they are seen by the family and society.

Keywords: women's soccer; female futsal; physical education; gender stereotypes; gender inequality

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
1.1 METODOLOGIA	3
2. A TRAJETÓRIA DE JOVENS INICIANTES NO FUTSAL FEMININO	7
2.1 O CONTATO COM O FUTEBOL/ FUTSAL	7
2.2 AS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO DO FUTEBOL E O IMPACTO PARA AS OPORTUNIDADES GERADAS PARA AS MULHERES	12
2.3 O INTERESSE PELA PRÁTICA DO FUTSAL NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO	16
3. CONCLUSÃO	23
REFERÊNCIAS	25

1. INTRODUÇÃO

Este projeto surge diante da inquietude ao perceber a desigualdade de gênero nos mais diversos espaços e nas mais diferentes categorias esportivas por onde transitei. A partir da minha experiência pessoal e profissional em espaços esportivos, e como capoeirista há mais de 10 anos, sempre constatei a pouca participação de meninas e mulheres, fato que me deixava bastante incomodada. Enquanto professora/estagiária de educação física em que planejo e executo atividades esportivas com crianças sempre tenho a preocupação de não reforçar os estereótipos de gênero e buscar estratégia para não reforçá-los como, por exemplo, incluindo igualmente meninas e meninos em todas as práticas corporais. Foi diante destas inquietações e observando os fatores que podem ou não propiciar a inclusão de meninas nos esporte que me vi curiosa em investigar as barreiras e outros motivos que influenciam na permanência de universitárias no projeto de extensão de futsal feminino da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Durante o meu curso de graduação em Educação Física tive acesso a conhecimentos que me fizeram perceber que essas constatações são reflexos de um processo de desigualdade de gênero que estruturou a sociedade brasileira, como ressalta a Astarita (2009, p.8) ao constatar que “durante muito tempo em nossa história as mulheres foram proibidas de praticar qualquer modalidade esportiva ou atividade física”. A autora (2009, p. 8) destaca que ainda no “período Imperial, a Educação Física não era incentivada às meninas” e que diante da tentativa de incluir atividades de ginásticas nas escolas, muitas estudantes se recusavam a participar e muitas “famílias reagiram proibindo suas filhas de praticar qualquer tipo de exercício ginástico”.

Na sequência do resgate histórico proposto por Astarita (2009, p. 9), observa-se que, entre o século XIX e XX, “as atividades físicas recomendadas para ambos os sexos estavam inseridas em uma concepção higienista, ou seja, preocupações centradas na saúde”. Todavia, é importante notar que apesar de o exercício físico ser indicado para todas as pessoas, estas práticas ainda reforçavam estereótipos de gênero, tendo em vista que a mulher era considerada como frágil e de aptidão física menor que a dos homens. Sendo assim,

(...) ao homem estavam atrelados valores como a virilidade, a resistência para o trabalho, o maior adestramento para o combate. Para as mulheres, no entanto, as indicações de atividades físicas centralizavam-se na maior e melhor preparação para as funções de

mãe e esposa, funções essas que demandavam a exigência de boa saúde e condição física (BORGES et. al., 2006, p. 113).

Goellner (2005, p. 145) salienta que devido aos diferentes posicionamentos político-ideológicos dentro da sociedade brasileira a respeito da relação entre mulheres e atividades físicas, observa-se o surgimento de movimentos mais conservadores que coibiram a participação das mulheres em algumas modalidades esportivas. Deste modo, a autora afirma que

(...) em 1941, o General Newton Cavalcanti apresentou ao Conselho Nacional de Desportos, subsídios para a elaboração de um documento que oficializou a interdição das mulheres a algumas modalidades, tais como as lutas, o boxe, o salto com vara, o salto triplo, o decatlo e o pentatlo; outras foram permitidas, desde que praticada dentro de determinados limites. Em 1965, o Conselho Nacional de Desportos aprovou, a Deliberação no. 7 que, em seu artigo segundo registrava não ser permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, “rugby”, halterofilismo e “baseball” (GOELLNER, 2005, p. 145).

A Deliberação supracitada foi revogada apenas em 1979, após o início de um movimento a favor de políticas de inclusão das mulheres nos esportes no final da década de 1970 (GOELLNER, 2005, p. 147). Antes de darmos sequências às reflexões propostas para este item, cabe ressaltar que a ideia de gênero adotada neste estudo tem como referência o conceito de Butler (2003, p. 21), no qual

a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o resultado causal do sexo nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo. Assim, a unidade do sujeito já é potencialmente contestada pela distinção que abre espaço ao gênero como interpretação múltipla do sexo.

Ao mencionar a célebre frase de Simone de Beauvoir - “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” - Butler (2003, p. 23) ratifica sua concepção de gênero ao considerar que a referida autora “diz claramente que alguém “se torna” mulher, mas sempre sob uma compulsão cultural a fazê-lo. E tal compulsão claramente não vem do “sexo”. Não há nada em sua explicação que garanta que o “ser” que se torna mulher seja necessariamente fêmea”. Assim, entende-se que os padrões de gênero referentes à participação de mulheres no futebol

decorrem não de seu sexo, mas da construção sócio-histórica e cultural do que é ser mulher e também do que é ser homem.

Ainda que muitos avanços tenham sido observados nas últimas décadas, o esporte brasileiro ainda é fortemente atravessado pela desigualdade de gênero. É o que demonstram os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2015, p. 30), segundo os quais, no Brasil, “a prática de esporte entre os homens (31,7%) foi muito superior à observada entre as mulheres (16,9%)”. Em relação mais especificamente ao futebol, o documento aponta que em 2015, “15,3 milhões de pessoas praticaram futebol como principal modalidade esportiva, e este número representou 39,3% dos 38,8 milhões de praticantes de algum esporte no País”, todavia destaca-se que a referida categoria esportiva foi praticada “prevalentemente por homens, correspondendo a 94,5% dos praticantes dessa modalidade” (IBGE, 2015, p. 32-33) enquanto as mulheres representavam apenas 5,5%.

A partir dessas significações historicamente construídas no Brasil é de se esperar que mulheres recebam menos estímulos e sejam menos incentivadas à prática de esportes ao longo da sua vida, desde a infância até a fase adulta. Um estudo feito na Espanha com estudantes entre 12 e 17 anos mostra que meninas percebem mais barreiras para a prática de atividade física que os meninos, as barreiras frequentemente percebidas por elas foram a imagem corporal, o cansaço/preguiça e obrigações/falta de tempo (PINO et al., 2020, p.6)

Somando-se a esse resultado, um artigo que revisou pesquisas feitas com universitários no Brasil revela que “as universitárias do sexo feminino foram menos ativas fisicamente do que seus pares do sexo masculino em todos os estudos analisados” e que “o principal determinante da inatividade física entre estudantes universitários brasileiros foi a falta de tempo” (OLIVEIRA et al., 2014, p. 76).

Diante das questões brevemente expostas até aqui - e que serão melhor abordadas ao longo deste estudo - é possível afirmar que o processo de exclusão de meninas e mulheres no esporte consolidou-se historicamente no Brasil entre muitos retrocessos e alguns avanços. Nesse sentido, na esteira dos estudos sobre as barreiras que mulheres universitárias enfrentam para se manterem nas práticas esportivas, esta pesquisa busca identificar as barreiras e os motivos que dificultam a assiduidade de jovens mulheres nos treinos de futsal do projeto de extensão de futsal feminino da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). A intenção, portanto, é identificar os motivos para evasão dos treinos de futsal feminino; analisar as

barreiras por elas percebidas como desmobilizadoras e que levam à conseqüente evasão ou baixa assiduidade nos treinos e, por fim sugerir maneiras de facilitar a frequência das participantes nos treinos de futsal do referido programa de extensão da UFES.

1.1 METODOLOGIA

Para alcançar este objetivo, lançamos mão da utilização de entrevistas semiestruturadas enquanto instrumentos para a reunião e posterior produção dos dados que compõem esse estudo. As entrevistas semiestruturadas são caracterizadas por diálogos previamente roteirizados, contendo perguntas abertas e fechadas, passíveis de serem atravessadas por assuntos e dinâmicas ocasionais. Esta escolha permite um diálogo mais flexível sobre os temas propostos e possibilita alterações de percurso. Portanto, utiliza-se as entrevistas semiestruturadas enquanto instrumento para produção de dados, ao passo que esta mesma ferramenta permite uma proximidade maior entre pesquisadora e interlocutoras, favorecendo uma troca mais afetiva entre ambas as partes e permitindo versar sobre assuntos mais subjetivos e íntimos (BONI; QUARESMA, 2005).

A escolha dessa ferramenta metodológica não foi ao acaso. Buscou-se, através da criação de espaços de fala reservados, seguros e acolhedores, valorizar as percepções, atitudes e opiniões pessoais das interlocutoras envolvidas na presente pesquisa, garantindo-lhes protagonismo em suas próprias narrativas (BONI; QUARESMA, 2005). A mediação desses momentos foi realizada por mulheres que já possuíam contato com as participantes e isso pareceu contribuir para a construção desse cenário.

Nesse sentido, buscando respostas para os questionamentos que originaram o presente estudo, bem como atingir os objetivos que nos propomos a alcançar ao findar deste trabalho, o Projeto de Extensão “Futsal Universitário Feminino” pareceu reunir aspectos que o tornaram um espaço formidável para a aplicação das entrevistas. Além de ser um ambiente de prática voltado exclusivamente para o público de mulheres e contar com um quadro administrativo e técnico composto predominantemente por mulheres, no momento em que a presente pesquisa encontrava-se no processo de consolidação, o Projeto lidava com desafios relacionados à assiduidade das jovens nas atividades ofertadas.

Com atuação no Centro de Educação Física e Desportos (CEFD) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), o Projeto de Extensão objetiva se configurar enquanto um espaço

onde jovens mulheres tanto integrantes da comunidade universitária, quanto da comunidade externa, se sintam seguras para a prática da modalidade esportiva futsal e, para além disso, busca se configurar enquanto um ambiente de acolhimento, livre de julgamentos e que assegure o desenvolvimento esportivo em todos os níveis de habilidade. A oferta de treinos no ano de 2022 aconteceram nas tardes das quartas-feiras e nas manhãs dos sábados, nas quadras externas ou no campo society do Centro.

Buscando respeitar o princípio de criação de ambientes que acolham efetivamente mulheres em diferentes níveis de habilidade, duas turmas foram ofertadas. A primeira delas, com início às 15:30 das quartas-feiras, tinha um planejamento voltado para o desenvolvimento de jovens que possuíam pouca ou nenhuma experiência prévia com o futsal e que, por esse motivo, careciam de um ambiente que as oportunizasse um espaço para a iniciação esportiva. A segunda delas, com início às 16:30 desses mesmos dias, atendia aquelas que já possuíam repertório prévio com a bola nos pés e que, comumente, pareciam estar em busca de mais um espaço de prática. A decisão de qual turma integrar era de escolha exclusiva de cada participante. Aos sábados, em detrimento da adesão relativamente baixa dessas jovens, eram realizados eventos festivos com as duas turmas juntas. Devido às orientações de biossegurança estabelecidas pela UFES no retorno às atividades presenciais nos campus universitários após as restrições causadas pela Pandemia de Covid-19, as sessões de treinamento estavam condicionadas a um quantitativo de vinte participantes por turma.

Durante os dois semestres de 2022, aproximadamente 150 mulheres que possuíam entre 18 e 35 anos estavam inscritas no projeto. Desse quantitativo, 80 jovens e adultas já participaram das sessões de treinamento. Neste período, era notável a dificuldade que essas mulheres encontravam em se manterem assíduas nos treinos. Além disso, o cenário de evasão era uma realidade consideravelmente significativa, sobretudo entre as iniciantes.

Apesar do alto volume de inscrições, a realidade do Projeto de Extensão nesse respectivo ano foi peculiar. Enquanto na segunda turma - caracterizada pela oferta de treinos planejados para mulheres com experiências prévias com o futsal - as jovens participavam semanalmente de maneira assídua das sessões de treinamento; na primeira turma - voltada para iniciação ao esporte -, por sua vez, notou-se um cenário distinto. As altas taxas de inscrições realizadas para a participação nos treinos da primeira turma no início de cada semestre letivo do ano de 2022, somadas aos altos índices de participação de jovens nessas turmas durante os primeiros meses de cada período, acabaram por mascarar uma realidade um tanto quanto preocupante. A

posterior evasão dessas atletas acabou por se tornar algo frequente entre aquelas que estavam iniciando a prática da modalidade esportiva futsal.

Nesse sentido, durante os meses de junho e julho do ano de 2022 jovens mulheres que integravam a turma voltada para a iniciação ao futsal e que estavam ausentes dos treinos foram contatadas e convidadas a deliberadamente concederem as entrevistas. Os critérios para a inclusão das jovens no estudo foram: 1) ter participado de pelo menos três treinos consecutivos; 2) frequentar a turma com planejamento voltado para a iniciação ao futsal; 3) e estar a pelo menos quatro semanas sem comparecer aos treinos. Se somadas, aproximadamente vinte mulheres receberam o convite para participar da pesquisa, das quais dez delas aceitaram. São elas:

Lais
Lumena
Taissa
Nara
Mara
Lisbella
Estela
Mirela
Joana
Bruna

As entrevistas tiveram duração de aproximadamente quarenta minutos e o assentimento foi concedido ao início de cada uma delas. Todos os diálogos realizados foram registrados por meio de gravações de áudio e posteriormente transcritos para análise com o auxílio da ferramenta (Transkriptor). Posteriormente, a transcrição foi revisada pela pesquisadora.

As perguntas foram distribuídas em grupos temáticos, garantindo uma estrutura ao roteiro de perguntas que permitisse uma organização das ideias e linearidade ao diálogo. Nesse sentido, as questões buscavam informações sobre as experiências corporais e esportivas que elas tiveram ao longo da vida, desde a infância até mesmo na universidade; as memórias afetivas que possuem desses momentos; os possíveis desafios que tiveram em permanecer engajadas na prática durante esse percurso; os possíveis motivos que mobilizaram a participação delas

nos treinos no âmbito universitário bem como os empecilhos que acabaram por desmobilizá-las; e as percepções e sentidos que elas possuíam sobre o período em que estiveram participando dos treinos. Preocupadas em assegurar confiabilidade e clareza nos dados produzidos e nas possíveis conclusões que esse exercício nos permitirá chegar, buscamos evitar perguntas “arbitrárias, ambíguas, deslocadas ou tendenciosas” (BONI; QUARESMA, 2005 p. 72).

Por fim, é importante ressaltar que as autorizações para participação nas entrevistas foram realizadas por áudio, uma vez que o curto tempo para finalização deste estudo não permitiria a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido nem a submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa. Além disso, para a preservação das interlocutoras, optamos por não identificá-las por seus nomes verdadeiros e, portanto, todos os nomes citados nos trechos de entrevistas neste estudo são fictícios.

2. A TRAJETÓRIA DE JOVENS INICIANTES NO FUTSAL FEMININO

2.1 O CONTATO COM O FUTEBOL/ FUTSAL

Os primeiros contatos com atividades físicas e práticas corporais são decisivos para a boa relação das meninas com os esportes, e também a perpetuação dessas práticas em outras fases da sua vida.

Observar a iniciação das meninas no futebol/futsal, é indispensável para o entendimento de como é construída a relação delas com esse esporte. Analisando os depoimentos das entrevistadas, ao serem questionadas sobre suas primeiras vivências esportivas ou práticas corporais em geral, percebemos duas tendências: uma em que as meninas não tiveram um

contato muito próximo, ou práticas regulares com o futebol, e outra em que tiveram contato e chegaram a participar de treinos desta prática esportiva. Cabe ressaltar que todas relataram ter tido experiências com jogos, brincadeiras ou outras práticas corporais durante a infância, tanto dentro quanto fora da escola.

Nas entrevistas realizadas para esta pesquisa, algumas entrevistadas afirmaram não terem vivenciado práticas de futebol na escola, uma vez que esta prática esportiva era frequentemente reservada apenas aos meninos. Ressaltam também, que na aparente falta de planejamento das aulas por parte das/os professoras/res, os meninos eram reunidos espontaneamente para jogar futebol, enquanto às meninas eram destinadas outras práticas corporais.

A autora Marina Gomes Schönardie (2021,p.13) evidencia que mulheres adultas não praticantes do futebol, embora tenham tido contato com o futebol na escola, relataram a percepção da ausência de um desenvolvimento abrangente do conteúdo. Por consequência, muitas delas afirmam não ter afinidade com a modalidade no presente.

Neste sentido é necessário observar o papel dos professores de educação física (JÚNIOR; DARIO, 2022, p. 3), que embora tenha a função proporcionar a todos os educandos as mesmas oportunidades de aprendizado, na prática contribui para a desigualdade de tratamentos para meninos e meninas. Como consequência verifica-se a perpetuação de modelos sexualmente tipificados pela família e sociedade, nos quais os homens teriam papéis mais relacionados à virilidade, força, velocidade e as mulheres funções relacionadas à maternidade, delicadeza, beleza. Fica evidente que durante a vida escolar das meninas, professoras/es adotam uma separação das práticas corporais em função do sexo/gênero das crianças durante as aulas de educação física. Essa é uma questão que aparece na fala das entrevistadas abaixo:

Tipo, acontecia muito da educação física. As meninas às vezes iam para queimado ou para o vôlei e os meninos tinham futsal. Aí se a gente falava "ah, mas eu quero ir pro futsal." aí a professora "não é só os meninos" (...) a gente não tinha também tanta disponibilidade de prática quanto os meninos tinham também.(...)às vezes eles davam uma desculpa, mas não dava oportunidade. (Lais)

Então era um contato mais... O Professor só jogava bola e falava "joguem!", aí joga quem quiser, entendeu?! Geralmente era os meninos e raramente algumas meninas jogavam juntos (...) só nas aulas de educação física, no recreio ... quando tinha era a bola de

handball e eu não era chegada, e era o que as meninas jogavam... então acabava que eu não jogava nada. (Lisbella)

Este tratamento desigual observado pelas entrevistadas, segundo Romero (1994, p. 229 apud SOUZA JÚNIOR; DARIDO, p. 3, 2022), tem como consequência um desempenho motor diferenciado entre pessoas de gêneros diferentes. O mesmo autor argumenta que

em uma observação da prática dos professores, constata-se, muitas vezes, a insistência de discriminação entre os sexos para as atividades físicas. Isto leva a uma compreensão do porquê da falta de habilidades motoras envolvendo os grandes músculos evidenciados pelo grupo feminino. Estas alunas, ao chegarem no 5º ano de escolarização, quando normalmente são trabalhadas por professores da área, apresentam um estágio de habilidades motoras significativamente inferior aos meninos.

Souza Júnior e Darido (2022, p. 8) encontraram em seu estudo dois resultados contrastantes, onde apesar do desejo das alunas da prática do futebol nas aulas de educação física, existe também a visível dominação exercida por parte dos meninos nos espaços destinados às práticas esportivas e ao futebol. Constitui-se, portanto, uma dinâmica de disputa de poder, na qual a quadra e o futebol são “um símbolo do domínio masculino expresso” e onde o desejo das estudantes pela inclusão no esporte pode ser considerada uma reivindicação, “uma resistência à dominação, ou mesmo uma tentativa de contra-dominação frente à hegemonia masculina.” Romero (1994, p. 229 apud SOUZA JÚNIOR; DARIDO, p. 3, 2022). O conflito subjetivo que permeia o tensionamento dessa dominação masculina no futebol/futsal também são destacadas pelas entrevistadas desta pesquisa, as quais destacam que

Eu gostava, tipo assim, mas era de ver os garotos jogando e pá e pá pá.. Só que não tinha pra menina [...] E aí eu tentava convencer os meninos de entrar [...] ela dava bola para os meninos. Os meninos decidiam tudo. E aí, tipo quem sou eu, um negocinho desse tamanho e os meninos desse tamanho[...] daí eu ficava na minha, entendeu?(Joana)

Até tinha o futsal, mas era só meninos, [...] na hora da aula mesmo era só vôlei, e o futsal era para os meninos, então, como não tinha uma outra possibilidade para mim, eu não jogava. [...] muitas vezes também se não tinha uma outra quadra livre, ficava só os meninos... a gente não jogava, né? Então ficava sem jogar. (Mirela)

Acompanhando a linha de pensamento estabelecida no início deste item/capítulo, é importante destacar que, além da falta de planejamento por parte de professores para a inclusão de meninas na prática do futebol e do domínio masculino nesta categoria esportiva, a falta de

incentivo por parte dos familiares também pode ser considerado um impedimento para o contato das meninas com o futebol/futsal.

A respeito disso, as autoras Helena Altmann e Heloisa Helena Baldy dos Reis (2013, p. 220) observaram em sua pesquisa que as atletas de futebol receberam apoio social e dos familiares tardiamente, somente quando elas conquistaram o seu destaque no futebol. Ou seja, o apoio à participação nesta modalidade está “condicionado à demonstração de sua competência esportiva”. Assim “[...] não é através de algum apoio para a prática de futebol que elas passam a jogá-lo. O processo ocorre de forma inversa. Elas começam a jogar futebol por iniciativa própria, na companhia de meninos de idades próximas a elas, e posteriormente recebem apoio social para continuar jogando”.

Em nosso estudo foi identificado a falta desse apoio familiar nas falas de mais da metade das entrevistadas, em alguns casos até uma desaprovação, o que pode ter influenciado de forma negativa na formação da relação delas com o futsal/futebol ao longo da vida.

É bem preconceituoso assim da parte deles que.. Futsal era coisa de homem assim então Tanto que eu também não..não evolui muito assim.. Não joguei em escolinha assim porque eles tinham esse preconceito de deixar eu ir, Eles falavam “é só para homem” essas paradas [...] acho que não ter apoio dos pais também foi uma coisa que me pegava [...] eles dando uma influência negativa me afastou um pouco ali do objetivo (Lisbella)

[...] Eu estudei em escola particular, então sempre tinha essas práticas. E aí.. Quando acabou o time da escola, porque acabaram os campeonatos e tudo, eu manifestava.. ia dizer pra continuar.. e sempre tinha essa rejeição e aí eu muitas vezes deixava de pedir, deixava de perguntar porque eu sabia que já vinha uma negativa mesmo, então não gostava. E Acho que isso me impactou nisso mesmo, de tipo... de ficar esse desejo reprimido, sabe? (Estela)

[...]minha mãe era uma pessoa que não apoiava eu jogar futebol de jeito nenhum então tinha diversos episódios assim que eu ia jogar e ela ia lá na quadra me tirava da quadra porque falava que as pessoas iam falar por eu estar jogando bola com os meninos [...] Eu acho que isso foi o que mais me marcou porque eu via que eu não tinha um apoio da minha família [...] E aí a gente jogava campeonato, ia jogar fora ou às vezes o campeonato era até mesmo no meu condomínio lá e eu via os pais para apoiar os filhos e ninguém ia, minha mãe, meu pai ninguém ia para me apoiar, então acho que isso também foi o que mais assim pesou para mim, preconceito que eu tive dentro de casa (Nara)

Em contraponto, Vissoci et al. (2013) analisaram a percepção da influência do suporte parental no envolvimento com a prática do futsal feminino em atletas juvenis e adultas, e em suas considerações pontuam que a família que proporciona apoio afetivo e financeiro favorece a vinculação das meninas com a modalidade esportiva, facilitando a iniciação e continuidades

das atletas no contexto do futsal. Vissoci et al. (2013, p. 153) ressaltam ainda o quanto é importante os pais incentivarem a autonomia das filhas, ao mesmo tempo que devem “estar ao lado para proporcionar apoio ao lidar com as dificuldades, modelos para aprendizagem de comportamentos e estabelecimento de regras [...]”.

Esta é uma percepção compartilhada por duas entrevistadas desta pesquisa. As participantes do Projeto de Extensão da UFES relatam sobre o apoio que tiveram dos pais quando mais novas, mencionando ainda a importância desse suporte para que elas continuassem a frequentar os treinos e os jogos:

Eu acho que foi total diferença porque talvez eu não teria ido por conta da nossa.. a gente não era tão boa assim. Então ela foi né.. minha mãe foi.. meu pai, acho que não chegou a ir, mas minha mãe foi, assistiu, então eu acho que esse apoio me deu mais vontade de querer fazer, né? [...] Traz um sentimento de que eu posso fazer o que eu quero fazer, independente do que seja, por mais que seja um esporte, talvez mais considerado masculino, não tem problema. Eles me apoiam nessas coisas, me apoiam no que eu gosto, e eu vejo não só o apoio "porque eu tenho que apoiar", mas um incentivo, uma felicidade, uma torcida. Minha mãe me deu a chuteira para eu começar a fazer o futsal” (Mirela)

Eu acho que ajuda muito em todos os aspectos, tanto financeiro, porque, querendo ou não, eles que me bancam ainda. E até de incentivar, de “vá lá... dá o seu melhor, se não ganhar, tá tudo bem, mas tenta “(Mara)

É importante destacar também que somente uma de 10 entrevistadas, a Nara, chegou a participar de algum clube esportivo - que, no caso, foi um time de handebol.

Isso mostra que a maioria das entrevistadas, quase que em sua totalidade, vinculava a participação no esporte ao divertimento, ao lazer e a socialização e não a competição ou alto rendimento.

Essa constatação vem ao encontro dos resultados obtidos na pesquisa de Souza et al (2017) que, ainda que se diferencia do estudo aqui proposto por englobar participantes que foram integrantes de uma equipe de futsal amadora e que realizam a prática de forma não sistemática. Ao investigar sobre os motivos que levam essas mulheres a praticar futsal, observou que as razões mais citadas dizem respeito à “gostar da prática, seguido por realizar uma atividade física, divertir-se, reencontrar os amigos, aliviar o estresse e, por último, manter a saúde” (SOUZA et al, 2017, p 102). Essa é uma questão que também mobiliza as

entrevistadas desta pesquisa para integrar o projeto de extensão de futsal feminino da UFES, segundo o depoimento de uma das participantes:

É porque eu vim para cá na pandemia para Vitória, 2020. Fiquei muito sozinha porque tava todo mundo dentro de casa e eu não conhecia ninguém, aí eu fiquei muito sozinha, aí eu vi depois que vocês abriram assim e que era futebol, aí falei assim: “aí eu gosto de esporte, é bom que lá vou conhecer mais pessoas e vou poder sair um pouco de casa. [...] principalmente isso de fazer esporte, que é uma coisa que me interessa, mas também conhecer pessoas novas que eu estava muito sozinha aqui em Vitória. (Bruna)

Salienta-se ainda que os níveis de motivações intrínsecas - em outros termos, de motivações pessoais - em mulheres, não variam muito quando há sucesso ou fracasso em uma competição, levando a crer que o fator competição não é de grande relevância (Weinberg e Gould, 2001 apud SOUZA et al, p. 103, 2017). Portanto, é preciso observar as discrepâncias entre homens e mulheres no que diz respeito aos níveis de motivação, uma vez que “o sucesso e o fracasso têm alta significância em uma competição. Enquanto os homens podem exibir maior nível de motivação intrínseca após sucesso do que após fracasso, as mulheres não variam muito nas duas possibilidades” (Weinberg e Gould, 2001 apud SOUZA et al, 2017, p. 102-103)

Já Maria Cristina Chiemelo Paim (2001, p. 5), ao estudar as motivações para a prática do futebol em praticantes de clubes de iniciação desportiva de futebol, concluiu que entre as meninas de faixa etária 12 a 17 anos, as categorias saúde e amizade/lazer foram as mais valorizadas, “ficando a competência desportiva em menor preferência”.

O sentido do esporte vinculado ao lazer e à socialização, de certa forma se contrapõe à identidade do esporte como competição ou alto rendimento. Isso nos leva a crer que entre as entrevistadas desta pesquisa existe um interesse pelo futebol/futsal despertado, que as mobiliza para os espaços de prática, mas não podemos afirmar que a identidade esportiva vinculada a essas práticas tenha sido o fator principal para elas escolherem esse esporte. Isso porque, suas narrativas demonstram que elas poderiam ter escolhido qualquer outra prática, como é o caso de muitas delas que já fizeram dança, vôlei, handebol etc.

A despeito das diferentes motivações para a prática de esportes ou outras práticas, todas as entrevistadas se encontram nesse mesmo espaço (Projeto de Extensão “Futsal Feminino Universitário”). E podemos concluir que uma das razões para isso acontecer se deve pelo caráter do projeto, por ser mais ligado ao lazer e socialização e menos ligado ao caráter competitivo ou de alto rendimento, o relato da Nara, única entrevistada que chegou a fazer

parte de um time de clube esportivo, ilustra a preferência dela por uma atividade mais ligada ao lazer, e sem a pressão das competições por clubes.

Eu sempre pratiquei esportes, desde que eu sou pequenininha eu estou em algum time jogando alguma coisa. Já participei de campeonatos de futsal e de futebol, de handball, de natação. De vôlei, de tudo. [...] Eu gosto do treinamento (da Grupa) porque não tem uma pressão de jogar, de fazer gol, de acertar.. diferente de alguns clubes que eu até parei de jogar por clube, porque eu não quero mais viver essa pressão de competir, de ter que ganhar sempre e aqui não tem isso. (Nara)

O ambiente e as relações que elas criam nos espaços de prática esportiva são fatores importantes para garantir a participação delas, mais importantes do que o esporte em si. O que seria diferente se por acaso elas tivessem um vínculo maior com o esporte direcionado à competitividade. Se fosse esse o caso, sua motivação seria a de participar da prática para treinar e disputar campeonatos, portanto, o caráter competitivo do esporte seria o motivo mais mobilizador para a participação delas nas práticas.

2.2 AS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO DO FUTEBOL E O IMPACTO PARA AS OPORTUNIDADES GERADAS PARA AS MULHERES

Muitas são as esferas da vida de uma pessoa em que o acesso é negociado de acordo com padrões sociais e culturais. Logo, os padrões de gênero também são postos e interferem nas oportunidades colocadas para meninos e para meninas atravessando, inclusive, o âmbito das atividades físicas.

Conforme já sinalizado no resgate histórico iniciado na introdução deste estudo, as mulheres, em especial no Brasil, tiveram que lidar com a proibição da prática de qualquer modalidade esportiva ou atividade física que sob uma ótica generificada fugissem do que se esperava de uma mulher. Práticas corporais que eram ligadas a valores como virilidade, agilidade, força foram proibidas para mulheres por quase 40 anos (ASTARITA, 2009).

Somente no final dos anos 70 foi revogado o decreto Decreto-Lei que não permitia que mulheres praticassem lutas, futebol, e outras atividades que eram consideradas “impróprias” para elas. Porém “os valores culturais incorporados e reproduzidos sobre a perda ou a diminuição da feminilidade das mulheres praticantes da modalidade, não foram "instantaneamente" revogados”(SALVANI; MARCHI JÚNIOR,2013; p. 97), apesar da

permissão legal da prática do futebol feminino, até os dias de hoje os homens são quem ocupam grande parte da criação e do gerenciamento das equipes .

Como consequência de tantos anos de ilegalidade, o futebol feminino no Brasil se desenvolveu enfrentando a ideia de que esse esporte não é uma prática indicada para mulheres, não é então de se surpreender que isso tenha se internalizado no imaginário popular e acarretou em diversas barreiras para meninas que queiram jogar o futebol atualmente.

As oportunidades dispostas para as mulheres que se dedicam a praticar futebol/futsal hoje em dia são muito poucas em comparação com as oportunidades para os homens, para eles são oferecidas as aulas na escola, aulas em escolinhas (contra-turno), diversas competições, jogos de futebol nas ruas e praças, já para elas todas essas oportunidades são mais difíceis de serem alcançadas e em alguns casos não são nem ao menos ofertadas.

Ou seja, a mulher que deseja jogar futebol precisa lidar com opiniões externas sobre o esporte que ela pode ou não praticar, além de ter como preocupação a falta de espaços e oportunidades para a prática organizada.

A representação do futebol com as quais as entrevistadas se deparam durante toda a vida impacta negativamente nas oportunidades de prática do esporte, afastando essa categoria esportiva de suas vidas. Tanto as meninas que jogavam futebol quanto as que não jogavam, por mais que tenham participado de outras práticas corporais ao longo da vida, indicam que elas conviviam com algumas suspeitas e desconfianças familiares a respeito do futebol. Sobre isso, Buttler (2018, p. 186) salienta que “Os gêneros distintos são parte do que “humaniza” os indivíduos na cultura contemporânea; de fato, habitualmente punimos os que não desempenham corretamente o seu gênero”.

Essas suspeitas se davam seja por achar que é um esporte exclusivo para homens, seja por preconceito sobre a orientação sexual ou achar que pode atrapalhar o tempo reservado para os estudos e outras obrigações cotidianas. A noção de não lugar do futebol na vida de uma mulher - que muitas vezes vem por parte das pessoas mais próximas, como os familiares -, de alguma forma afeta o engajamento que as meninas têm com o futebol. É como se em casa o sentido do futebol na vida das meninas fosse interdito ou precisasse ser negociado, limitando o engajamento delas com a prática.

Além de não poder vestir azul, não poderia também jogar futebol e fazer tantas outras coisas consideradas ‘de homem’. Obliterações que não foram

suficientes para dissuadir as entrevistadas de praticar a modalidade e persistir na construção de uma carreira, mas que podem levar a conflitos, uma vez que produzem efeitos nas percepções sobre si como meninas e atletas. Assim, a persistência na carreira demanda um processo de negociação com os demais e com elas mesmas na construção de um pertencimento e de uma identificação com o futebol. Obstáculo extra que se soma a tantos outros já enfrentados pelas futebolistas em nosso país (ALMEIDA; PISANI, 2015 apud VIEIRA et al. 2021, p. 7).

Alguns trechos das entrevistas ilustram essa percepção da desconfiança e preconceito de familiares a respeito do desejo das meninas de jogar futebol e como se sentiam punidas por pensarem que não desempenham corretamente o seu gênero, como supracitado por Butler (2018, p. 186). Nesse sentido, de acordo com as entrevistadas:

[...] Não joguei em escolinha assim.. porque eles tinham esse preconceito de deixar eu ir, eles falavam “é só para homem” essas paradas. [...] tipo assim para eles é coisa de sapatão e não pode ser sapatão então não vai jogar futsal entendeu? Era tipo isso. (Lisbella)

Eu sempre gostei de futebol e tal, e minha vó sempre falando assim: “isso não é coisa pra menina”, ela me proibia de ver jogo de futebol feminino, jogo de futebol masculino, porque eu acompanhava, né? Só que ela começou a reclamar muito, Aí eu fui deixando de lado essas coisas (Taissa)

Em todos os casos analisados para este estudo, as meninas citam diversas barreiras que as desincentivam a continuar na prática do futebol em diferentes momentos da vida. Quase todas contam episódios em que elas sentiram dificuldades para continuar a prática do futebol em razão da representação que associa esse esporte aos estereótipos de gênero. O estereótipo de gênero é uma das razões para que o futebol seja considerado por muitas pessoas um esporte reservado para o gênero masculino, desmotivando as meninas a participarem das práticas. Tanto na escola, quanto para os familiares, o estereótipo de gênero foi o fator principal para que elas tivessem menos acesso ao futebol. Segundo Vieira (2021, p. 4)

O estereótipo é uma categoria conceitual tradicional no campo da Psicologia Social. Pode ser compreendido como uma série de crenças, expectativas e juízos em relação a um conjunto de pessoas que apresentam um atributo comum, marcando uma identificação de grupo que pode ser positivada ou negativada. Existem, por exemplo, estereótipos raciais, geracionais, corporais, de gênero, relacionados às profissões, à sexualidade, entre outros. Os estereótipos de gênero orientam-se pela morfologia corporal capturada pelo conjunto de expectativas formadas sobre o que é supostamente adequado ou não para cada humano.

Portanto, o futebol socialmente visto como uma prática masculina causa estranheza quando praticado por uma pessoa do gênero feminino. As meninas que decidem jogar futebol vivenciam corriqueiramente essa estranheza e acabam abandonando a prática por não conseguirem criar laços com esse esporte. Mesmo quando existe o desejo de jogar, o acesso, o apoio e incentivo que elas recebem para essa prática é limitada, influenciando negativamente no vínculo que poderia ser criado.

A visão de que o futebol é um esporte reservado para os meninos, ou seja “coisa de menino”, induz as meninas e mulheres a pensarem que o futebol não é acessível para elas. Assim torna-se um tabu e elas passam a se perguntar se faz sentido elas praticarem essa modalidade. Diante deste contexto, e da conseqüente falta de habilidade para o futebol, muitas meninas deixam de praticar o futebol e optam pela prática de outros esportes, tais como, vôlei ou handebol. Altmann et al. (2018) concluíram que, pelo fato do futebol ser uma prática onde a diferença de habilidade corporal é mais relevante, e ser um conteúdo que mobiliza mais conflitos de gênero, pode existir uma desigualdade de escolha e de regularidade da prática comparado entre meninos e meninas.

Como consequência, a partir da trajetória contada pelas entrevistadas, percebe-se alguns traços na forma como elas se integram ao esporte e a dificuldade que elas tiveram para ter acesso e permanecer no ambiente esportivo do futebol/futsal o que, por sua vez, molda o sentido e o lugar que o esporte tem na vida de cada uma delas, segundo seus próprios depoimentos:

[...] porque você fazer uma coisa com uma pessoa dentro da sua casa e te negando ou te, “Ah,não faz isso não...isso é coisa de homem!” [...]É muito chato, né? Você fica naquele embate, né? (Taissa)

Quando acabou o time da escola, porque acabaram os campeonatos e tudo eu manifestava, ia dizer pra continuar. Sempre tinha essa rejeição e aí eu muitas vezes deixava de pedir, deixava de perguntar porque eu sabia que já vinha uma negativa mesmo, então não gostava. E Acho que isso me impactou nisso mesmo, de tipo.. de ficar esse desejo reprimido, sabe? (Estela)

Sim, porque no ensino médio era só o vôlei basicamente que se jogava, e eu não gosto de vôlei [...] Então, no ensino médio era muito vôlei, todo mundo jogava vôlei, eu não gostava, então ficava sentada. Tinha o futsal, mas era só meninos...tinha o handball, eu até joguei um pouco com as meninas o handball, mas eu achava elas meio assim.. não sabiam muito o que estavam fazendo [...] Eu falei, "ai quer saber? Eu não vou mais jogar não" então aquilo me

desestimulou. (Mirela)

Mesmo com tantas barreiras, desconfianças e impedimentos, meninas e mulheres que têm interesse pelo futebol seguem na busca pela oportunidade da prática. Nesse momento se faz importante projetos e políticas públicas que disponibilizem o espaço e a estrutura necessária para o desenvolvimento do futebol feminino no país.

2.3 O INTERESSE PELA PRÁTICA DO FUTSAL NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO

No que diz respeito aos atuais hábitos esportivos das entrevistadas, observa-se que, apesar de não terem tido incentivo quando crianças ou adolescentes, agora possuem mais autonomia e liberdade para fazerem suas próprias escolhas. Nesse sentido, a participação no Projeto de Extensão “Futsal Universitário” advém do desejo de aprender o futsal, criar laços e desenvolver novas habilidades.

O que me trouxe foi essa vontade de fazer um esporte, de sair do sedentarismo, mas fazer o futsal, que era algo que eu gostava e fazia muito tempo que eu não jogava, que foi lá no ensino fundamental. E por também ser mulheres, então ter esse... Estar mais à vontade assim.. (Mirela)

Eu achei que fosse só chegar lá e iam botar a bola ali e jogar, porque foi isso que eu fiz a vida inteira, né? Por exemplo, nas aulas de educação física, nunca ensinaram o futsal em si. era só tipo toma bola, e vai jogar.. lá vocês ensinam as técnicas e tal, eu achei muito bacana essa parte. (Lisbella)

É, eu acho que sempre foi essa vontade de jogar futebol, e aprender né? jogar futebol. Eu sempre gostei, mas nunca tinha primos e primas para jogar comigo. Eu sempre brinquei sozinha muito sozinha, ou com algum vizinho (Taissa)

Para as meninas que já praticavam o esporte, o ambiente de treinamento serviu para criar essa oportunidade de se reengajar com a prática, em especial para aquelas que vieram para a cidade de Vitória para cursar o ensino superior. A carência de espaços organizados para a prática de futsal direcionado às mulheres adultas acaba potencializando a importância do ambiente esportivo criado no ensino superior e se configura como um momento particular na trajetória esportiva das garotas.

Em um estudo com participantes de um projeto de extensão de futsal feminino (P.E.P Futsal Feminino) na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Ana Laura Eckhardt de Lima et.al (2022, p. 287) ressaltam a importância do projeto como um “espaço inclusivo e promotor da prática de futsal de mulheres”. As(os) autoras(es) acrescentam ainda que “por ser o único projeto destinado ao “futsal feminino” na FURG, ele se torna também, para muitas

delas, o único espaço para jogarem bola, visto que a maioria pratica o esporte por lazer, sem intenção de competir” (LIMA et al. 2022, p. 285).

Se considerarmos a notável falta de espaços para a prática do futsal feminino, projetos como o “Futsal Feminino Universitário” da UFES e o P.E.P da FURG acabam tendo um papel importante também para o desenvolvimento da habilidade esportiva no futsal das meninas. Isto pois, mesmo que em uma primeira perspectiva as meninas vão em busca de lazer, estes projetos acabam sendo também os únicos espaços disponíveis para aprender e jogar o futsal, ou seja, um local onde elas valorizam o empenho das mulheres e o aperfeiçoamento dos fundamentos ao longo do tempo. Ana Laura Eckhardt de Lima et.al (2022, p. 286) pontuam que

O crescimento como jogadora é algo que as motiva, embora não tenham ambições profissionais na área, se sentem satisfeitas ao contar sobre seu desempenho individual e em grupo. Além de terem a possibilidade de jogar regularmente, elas ressaltam a importância de aprender umas com as outras, de modo que a diferença de habilidades se mostra como um ponto positivo para o grupo.

Fica evidente nas falas retiradas das entrevistas que além da vontade de praticar o futsal, ou o desejo de se engajar em alguma atividade esportiva, um espaço adequado e o ambiente acolhedor com praticantes de diferentes níveis, além do modo que as aulas são ministradas, viram grandes atrativos para a iniciação das jovens no projeto.

Então, o que me trouxe pra grupa, foi esse meu querer de fazer uma atividade física, de colocar meu corpo em movimento junto com a oportunidade de estar fazendo isso de uma forma orientada, entendeu? Com pessoas que sabem ali, que estão organizando ali... que tem um time também. A questão da equipe, eu acho legal ter esse acompanhamento junto. Um grupo. Eu achei legal e o futsal também. Era um esporte que assim, dificilmente eu acho que eu teria oportunidade de fazer em outro lugar. E ver isso na universidade foi muito maneiro, então me encheu muito os olhos. E aí, eu quis participar. (Lais)

[...] ah eu gosto muito, porque... É, ali as quadras é tudo arrumado, sabe? Tem água ali, tem 2 quadras, tem a galera, já chega e já se organiza. Ninguém quer entrar no lugar de ninguém, sabe? [...] E eu acho isso muito bom, tira uma pressão, sabe? de cima de quem, por exemplo eu, que não sei jogar e tem as meninas que já sabem. Então, tipo, meio que tira essa pressão também. Eu gosto também porque mistura, né? Então termina que joga com menina que joga menos, então isso é, isso é legal porque não tem essa diferença de tudo, [...] é uma parada mais, heterogênea assim. Eu gosto bastante,

tipo, é um ambiente muito tranquilo, muito leve [...] Era uma coisa que eu sempre quis fazer, aí agora estou aprendendo. Então eu fico muito satisfeita, assim.. grata! Por tipo.. tá num projeto desse tipo, eu vejo muito valor nisso. Porque não é em todo lugar que a gente consegue fazer, reunir meninas para jogar e eu fico super satisfeita, fico bem alegre assim... de estar participando e ver minha evolução, né? fico muito feliz. (Taissa)

O fato de ser um espaço de prática voltado exclusivamente para o público feminino e contar com um quadro administrativo e técnico composto predominantemente por mulheres, cria esse ambiente onde as jovens se sentem seguras para praticar a modalidade. Além disso, o fato de se sentirem acolhidas e livres de julgamentos, potencializa o desenvolvimento esportivo em todos os níveis de habilidade. Sem exceções, todas disseram nas entrevistas gostar dos treinos, do ambiente e da possibilidade de poderem criar laços de amizade nesse espaço, fatores que demonstram a grande afinidade delas com o projeto.

Eu acho muito massa [...] acho muito legal que vocês realmente acolhem todo o mundo. Assim, por mais que seja a primeira vez... Enfim, eu acho um projeto muito legal assim. Isso de ser na ufes sabe?! ser uma coisa que a gente não precisa correr atrás. [...] Então acho muito importante ter esse momento... esses locais assim, até pra quem também está chegando na universidade, porque quando a gente é calouro a gente não conhece ninguém ... não sabe de nada, e aí tem um espaço também com mulheres que a gente se sente muito mais acolhida e muito mais protegida que as pessoas podem ajudar [...] estão se ajudando, isso eu acho o mais importante assim, eu acho mais legal.(Estela)

Tipo, isso foi muito bom para mim também. Criar novas amizades, conhecer novas pessoas. [...] eu criei várias amizades ali, pessoas que eu não conversei fora do treino, mas lá a gente conversa, troca ideia [...]Eu achei até que eu não ia criar muitos vínculos né?! É.. só o fato de por exemplo vocês iniciarem os primeiros treinos incentivando a gente a conhecer uma a outra, isso acaba fazendo com que tipo [...] tudo isso vai criando um vínculo, né? Você fica mais assim, receptiva a criar um vínculo da pessoa.(Taissa)

Desse modo, observa-se que o interesse pela prática do futsal no contexto universitário acontece com o propósito das entrevistadas em acessar a prática do futebol/futsal, algo que ao longo da vida sempre lhes foi dificultado. Ou seja, no momento em que se encontram mais autônomas e independente para fazerem as próprias escolhas, a oportunidade disponibilizada, por exemplo, pelo projeto de Futsal Feminino Universitário, representa a possibilidade de se engajarem em um esporte que elas já tinham interesse, mas no qual encontram muitas barreiras.

2.4 MOBILIZAR-SE PARA JOGAR E INCORPORAR O FUTSAL NO COTIDIANO

Nesse conflito entre as barreiras e a vontade de jogar é moldada a relação das entrevistadas com o futebol. Nota-se que durante suas vidas há sempre uma dificuldade de encaixar o futebol na rotina. Durante a infância a dificuldade de acesso ao esporte se deve às barreiras como a falta de apoio dos pais e a não inclusão de meninas nas práticas de futebol/futsal nas aulas de educação física por parte dos professores. Atualmente, já na fase jovem/adulta, mesmo sendo mais independentes dos pais e com o acesso facilitado por projetos onde elas se sentem acolhidas - tais como o projeto “Futsal Feminino Universitário” da UFES -, o futebol ainda não é prioridade em suas vidas, o que prejudica a assiduidade destas jovens no projeto, tendo em vista que o esporte não tem tanto “valor” quando comparado com outras obrigações do cotidiano.

Isso pode ser observado nos trechos das entrevistadas quando perguntadas sobre o motivo para faltar aos treinos da Grupa. Assim, 9 das 10 entrevistadas afirmam que o principal motivo para as ausências é a falta de tempo, justificando que priorizam outras tarefas como, por exemplo, a faculdade, trabalho ou tarefas domésticas em detrimento dos treinos de futebol. Afim de ilustrar com mais propriedade a análise feita acima, entende-se ser importante trazer os depoimentos das jovens participante do projeto:

Não, isso daí foi a faculdade mesmo, porque essa última semana que eu tenho bastante trabalho estava tendo bastante trabalho nos últimos dias então até essa semana eu ia vir só que eu tive que estar fazendo um trabalho e não deu pra mim mas só por isso mesmo. (Nara)

Foi por conta da universidade em si, porque eu faço terapia ocupacional, e aí é integral o curso... aí eu estou indo para o final do curso, então é muita coisa para fazer. E nessa coisa de voltar ao presencial, não consegui me organizar tão rápido quanto eu achei que eu conseguiria e junto a isso eu estava trabalhando. Eu estava fazendo um trabalho de transcrição e aí demandou muito tempo. E aí juntou o fato de ter muita coisa da faculdade, de ter um trabalho junto... e o curso é integral, então, meu tempo ficou muito desorganizado. (Estela)

Assim, é porque o meu curso é integral, né? Então assim... Os únicos períodos que eu tenho à tarde [...] no geral eu tenho poucos dias à tarde que eu estou livre para estudar, para fazer uma coisa, então era também semana de prova... que tinha que focar (Lumena)

Assim eu mais não estou conseguindo ir, porque eu estou fazendo o meu projeto de mestrado e tô na aplicação dele, e aí? Então... aí acabou que na quarta-feira não dá e no sábado estou super cansada, né? (Mirela)

Apesar de se interessarem pelo esporte e desejarem a realização da prática, fica evidente, a

partir dos trechos retirados das entrevistas, que o futsal ficou em segundo plano em relação às outras demandas da vida profissional, acadêmica ou mesmo pessoal. O exercício da dupla carreira, ou seja, da conciliação do esporte com a vida acadêmica, pode ser um caminho muito conturbado para as mulheres, e alguns fatores levam a essa conclusão. A falta de expectativa profissional no esporte pode ser um desses fatores, como aponta Martins et al. (2021, p. 125).

As autoras em questão visam descrever “como as mulheres são narradas nos estudos de DC, a fim de demonstrar os efeitos das relações de gênero nesse quesito” (MARTINS et al., 2021, p. 110). Acrescentam ainda que, apesar das mulheres apresentarem um desenvolvimento satisfatório da dupla carreira, as demandas da conciliação do esporte com outras esferas da vida podem gerar “uma sensação de exaustão física e mental que podem contribuir para o burnout, isto é, um quadro de esgotamento relacionado à dupla carreira” (MARTINS et al., 2021, p. 124). O abandono do esporte é resultado, entre outros fatores, das barreiras impostas pela dupla carreira das mulheres, que surgem a partir das “expectativas com relação ao projeto de vida e as condições de profissionalização e dedicação à carreira esportiva”. (Martins et al., 2021, p. 124)

As conclusões dos autores supracitados podem ser consideradas no contexto abordado no presente estudo, uma vez que as entrevistadas do projeto de extensão da UFES, em alguma medida, também tiveram que lidar com a dificuldade de conciliação da dupla carreira. Isso porque, a prática esportiva de mulheres está sujeita a barreiras relacionadas aos discursos culturais e, como já visto, aos estereótipos de gênero que não favorecem as mulheres. Sendo assim, “não é aleatório que as mulheres tendam a se ver em uma situação de priorizar os estudos e que não se percebam capazes de desenvolver outros aspectos da vida em conjunto com a dupla carreira” (MARTINS, et al., 2021, p, 128).

Essa dificuldade de conciliação da dupla carreira é descrita nas falas abaixo:

A Faculdade é integral e eu moro em Cariacica, então eu gasto muito tempo indo e voltando, tipo uma hora e meia [...] eu saio de casa às 6 da manhã na quarta, aí eu chego em casa às 7 da noite, aí eu preciso estudar ainda, então é uma rotina que eu não estou conseguindo conciliar ainda. E aos sábado[...] nos sábados eu coloco o sono em dia(Lisbella)

No mês de maio, por exemplo, eu nem consegui vir em nenhum treino porque minha mãe ficou doente e aí eu tive que pegar toda a responsabilidade da casa, porque o marido dela estava viajando a trabalho. Não sei o que e eu tenho um irmão adolescente, então tipo, eu fiquei muito sobrecarregada também das próprias coisas da casa, da faculdade, essas coisas assim(Taissa)

Durante as análises dos depoimentos, chamou a atenção o caso de uma das entrevistadas que os treinos de futebol foram interrompidos em favor da prática de outra atividade(dança) que ela já tinha um vínculo construído durante a vida, com isso ela dá preferência à dança do que se arriscar numa nova atividade (futsal). Explicitando como é importante a criação de laços com atividades físicas no decorrer da vida. Ao justificar a ausência nos treinos de futsal ela relata:

Foi por que eu me matriculei no Cheerleader, [...] e aí quando a gente acabava de desmontar o tatame(*do cheerleader*) eu: "caraca, o jogo!" Aí eu saía de lá já eram 4 e meia, tipo a turma já estava acabando, entendeu? O pessoal do futsal já estava lá se exercitando, já tinha saído... aí eu passei na frente e fui embora porque eu tinha que chegar em casa. (Joana)

Este caso explicita o quão importante é a criação de laços com e através das atividades físicas no decorrer da vida e como estes vínculos podem, na fase jovem adulta, determinar que mulheres dediquem mais tempo ao esporte - ainda que por lazer -, se deslocando das funções e dos papéis que são esperados das mulheres e tensionando a dinâmica dos estereótipos de gênero.

3. CONCLUSÃO

Ao fim das análises feitas concluímos que apesar do futebol/futsal ser um esporte historicamente negado à meninas e mulheres, o interesse pela prática sempre existiu. Se durante a infância praticar o futsal era algo muito distante, ou até visto como irregular, agora as oportunidades, que antes não existiam, fazem com que elas se mobilizem para realizar o desejo de se engajarem. Entretanto, as barreiras e impedimentos identificados ao longo deste estudo ainda influenciam em suas escolhas e no valor que elas dão ao futsal.

Em nossa pesquisa fica evidente que os primeiros contatos das meninas com esportes ou jogos coletivos é determinante para que elas criem uma relação próxima com as práticas esportivas influenciando no engajamento delas durante a vida. Nesse sentido vale ressaltar a importância dos profissionais de Educação Física que atuam com esportes em ambientes escolares, ou não-escolares, além também do papel da família que se faz essencial para apoiar e incentivar as meninas a realizarem o desejo de jogar futebol ou futsal, promovendo uma noção de pertencimento das meninas em relação a esse esporte. Ou seja, a atenção de professores à questões da desigualdade de gênero é importante para o processo de inclusão de meninas no futebol/futsal desde cedo, o que pode determinar a inserção de meninas no esporte nos anos futuros.

Foi constatado também como o estereótipo de gênero influencia nas oportunidades que são geradas para a prática, ou melhor, que não são geradas. Padrões sociais em relação ao gênero veio ao longo dos tempos direcionando práticas corporais “adequadas” para meninas e mulheres, impedindo muitas de fazer as atividades que desejam como, por exemplo, jogar bola. Considerando já no contexto universitário observamos como a conciliação entre o esporte e os estudos, ou trabalho, na vida das jovens prejudicou a assiduidade aos treinos.

As entrevistas com 10 participantes dos treinos do projeto “futsal feminino universitário” da UFES evidenciam algumas percepções sobre as barreiras enfrentadas na iniciação de meninas (quando mais novas) no futebol/futsal, sendo elas: falta de tempo para a prática (10), falta de

apoio dos pais ou responsáveis (8), falta de prática na escola (6), falta de companhia (6), questões de gênero/estereótipos de gênero (6), falta de habilidade(1), falta de espaço para brincar(1), falta de locais/escolinhas para treinar(3), problemas com custo/locomoção(2), falta de apoio financeiro/visibilidade profissional(2), o caráter competitivo (1).

Esse resultado corrobora com as análises obtidas no estudo “Barriers to voluntary participation in sport for children” (SOMERSET, 2018) que reuniu resultados de 24 pesquisas, quantitativas e qualitativas, realizadas em 8 países diferentes - Quantitativas: França, Austrália, Estados Unidos, Espanha. Qualitativas: Austrália, Brasil, Canadá, Irlanda, Reino Unido, e Estados Unidos -, que buscavam identificar as barreiras mais comuns para a prática voluntária de atividades físicas e esportes na infância e adolescência. Logo, as barreiras mais identificadas foram “tempo” e “custo”, além de outros impedimentos, tais como “não ser boa em esportes”, “medo de julgamentos/vergonha” e “conformidade a um estereótipo de gênero”.(SOMERSET, 2018, p.16)

No que se refere às barreiras para a permanência destas jovens mulheres no esporte já no contexto universitário, todas mencionaram a falta de tempo para a prática. O artigo “Atividade física de universitários Brasileiros: Uma revisão da literatura” (OLIVEIRA, 2014) também obteve como resultado a barreira “falta de tempo” como uma das principais para a não adesão à prática de atividades físicas pelos universitários. Os autores elucidam que durante o período de graduação há uma grande exigência dos estudantes, além disso muitas vezes são necessárias atividades laborais que são necessárias para a subsistência do universitário e isto pode estar relacionado à falta de tempo para a prática de atividades físicas.

Nesse sentido, considerando o contexto deste estudo - das universitárias que frequentam o treino do projeto de extensão da UFES - é importante pensar em estratégias que possam assegurar a permanência destas jovem no projeto em questão ou em outros espaços de treinamento do futsal. Sugerimos realizações de ações de incentivo que levam em consideração as tensões em relação às desigualdades de gênero no futsal, bem como também promover mais eventos ou competições que possam reunir e fortalecer os times de futsal feminino a fim de incentivar as praticantes a perpetuar o esporte e continuar na carreira esportiva.

Concluimos que para garantir a permanência de meninas e mulheres no esporte se faz necessário uma preocupação por parte dos professores e promotores do esporte com relação aos estereótipos de gênero que entrelaçam as representações que o esporte tem na vida delas,

além também da importância em promover espaços e estudos que tragam essa problemática para um entendimento crítico das diferentes barreiras entre homens e mulheres praticantes do futebol/futsal . No contexto universitário o desafio da permanência de mulheres no esporte passa ainda pelo agravante da falta de expectativa profissional no futsal feminino pressionando as jovens a priorizar os estudos ou atividades laborais.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena et al. Gênero e cultura corporal de movimento: práticas e percepções de meninas e meninos. **Revista Estudos Feministas**, v. 26, 2018.

ALTMANN, Helena; DOS REIS, Heloisa Helena Baldy. Futsal feminino na América do Sul: trajetórias de enfrentamento e de conquistas. **Movimento**, p. 211-232, 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/35077> Acesso em: 26 jan. 2023

ASTARITA, Paula Engelman. **Incentivos e dificuldades vivenciados por atletas do futsal feminino universitário**. 2009. Disponível em <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/18941/000732046.pdf?sequence=1> Acesso em: 18 jan. 2023

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. Em Tese, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/288882472_Aprendendo_a_entrevistar_Como_fazer_entrevistas_em_Ciencias_Sociais Acesso em: 26 jan. 2023.

BORGES, Carlos Nazareno Ferreira, LOPES, Simone Magalhães, ALVES, Claudia Aleixo, ALVES, Fábio Padilha. **Resiliência: uma possibilidade de adesão e permanência na prática do futebol feminino**. In: Movimento Vol. 12, n. 1 (jan./abr. 2006), p. 105-131. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/277222610_Resiliencia_Uma_Possibilidade_de_Adesao_e_Permanencia_na_Pratica_do_Futebol_Feminino Acesso em: 19 jan. 2023

BUTTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. 1. ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. Disponível em:

https://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/869762/mod_resource/content/0/Judith%20Butler-Problemas%20de-g%C3%AAnero.Feminismo%20e%20subvers%C3%A3o-da%20identidade-Civiliza%C3%A7%C3%A3o%20Brasileira-%202018.pdf Acesso em: 27 jan 2023.

KNIJNIK, Jorge. Futebol das Mulheres no Brasil: Emancipação, Resistências e Equidade, 2022. Disponível em: <https://editora.ufpe.br/books/catalog/book/791> Acesso em: 01 fev. 2023.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades**. In: Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 19, n.2, 2005, p. 143-151. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16590> Acesso em: 19 jan. 2023

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Práticas de esporte e atividade física: 2015**. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv100364.pdf> Acesso em: 19 jan. 2023.

JÚNIOR, Osmar Moreira de Souza; DARIDO, Suraya Cristina. A PRÁTICA DO FUTEBOL FEMININO NO ENSINO FUNDAMENTAL. Universidade Estadual Paulista. Motriz Jan-Abr 2002, Vol.8 n.1, pp.1-9. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/6489> Acesso em: 01 fev. 2023.

LIMA, Ana Laura Eckhardt; QUADRADO, Raquel Pereira; KNIJNIK, Jorge; Por um futebol universitário praticado por mulheres : a rede de significados do P.E.P. futsal feminino In: Futebol das mulheres no Brasil: emancipação, resistências e equidade. JANUÁRIO, Soraya Barreto; KNIJNIK, Jorge Disponível em: <https://researchdirect.westernsydney.edu.au/islandora/object/uws:68135/> Acesso em: 13 fev. 2023.

MARTINS, Mariana Zuaneti et al. AS MULHERES E A DUPLA CARREIRA: LINHAS TÊNUES ENTRE A CONCILIAÇÃO E O ABANDONO ESPORTIVO. Revista da ALESDE, [S.l.], v. 13, n. 1, p. 110-132, 2021. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/alesde/article/view/76885/43756>>. Acesso em: 07 fev. 2023.

OLIVEIRA, Cristiano de Souza et al. Atividade física de universitários brasileiros: uma revisão da literatura. **Revista de Atenção à saúde**, v. 12, n. 42, 2014. Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_ciencias_saude/article/view/2457/1659 Acesso em: 19 jan. 2023.

PAIM, Maria Cristina Chiemelo. Motivos que levam adolescentes a praticar o futebol. Revista Digital, v. 7, n. 43, 2001. Disponível em: <http://arquivo.ufv.br/des/futebol/artigos/Motivos%20que%20levam%20adolescentes%20a%20praticar%20o%20futebol.pdf> Acesso em: 26 jan. 2023

PORTELA-PINO, Iago et al. Gender differences in motivation and barriers for the practice of physical exercise in adolescence. **International journal of environmental research and public health**, v. 17, n. 1, p. 168, 2020. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6981955/> Acesso em: 19 jan. 2023.

SALVINI, Leila; JÚNIOR, Wanderley Marchi. Uma história do futebol feminino nas páginas da Revista Placar entre os anos de 1980-1990. **Movimento**, v. 19, n. 1, p. 95-115, 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/31644> Acesso em: 01 fev. 2023.

SOMERSET, Sarah; HOARE, Derek J. Barriers to voluntary participation in sport for children: a systematic review. **BMC pediatrics**, v. 18, n. 1, p. 1-19, 2018.

SOUZA, Marinês Matter de et al. Mulheres no futsal: motivos que levam à prática. *Kinesis*, [S. l.], v. 35, n. 3, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/26702/pdf> Acesso em: 10 jan. 2023.

VIEIRA, Talita Machado; JUSTO, José Sterza; MANSANO, Sonia Regina Vargas. Corpo e gênero na experiência inicial de jogadoras de futebol. **Estudos Feministas**, v. 29, n. 2, p. 1-14, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mD8w8QXys7nBSCcb4C8pMfp/abstract/?lang=pt> Acesso em: 01 fev. 2023

VISSOCI, João Ricardo Nickenig et al. A influência do suporte parental no desenvolvimento atlético de jogadoras de futsal. **Psicologia: teoria e prática**, v. 15, n. 1, p. 145-156, 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872013000100012#:~:text=O%20fato%20de%20a%20fam%C3%ADlia.atletas%20no%20contexto%20do%20futsal. Acesso em: 26 jan. 2023

MANUELA BARCELOS GOES

**ENTRE TRAVES E ENTRAVES: INVESTIGANDO A EVASÃO DE ALUNAS
INICIANTES DO PROJETO DE EXTENSÃO "FUTSAL FEMININO UNIVERSITÁRIO"
DA UFES**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Bacharelado em Educação Física, do Centro de Educação Física e Desportos (CEFD), como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Educação Física.

Aprovado em 16/02/2023.

COMISSÃO EXAMINADORA



Prof^a. Dr^a. Mariana Zuaneti Martins
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientador

Prof. Dr. Ubirajara de Oliveira
Universidade Federal do Espírito Santo

Maria Paula Louzada Mion

Sra. Maria Paula Louzada Mion

Universidade Federal do Espírito Santo



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por
UBIRAJARA DE OLIVEIRA - SIAPE 2340851
Departamento de Desportos - DD/CEFD
Em 16/02/2023 às 11:47

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/653753?tipoArquivo=O>

Documento assinado digitalmente conforme descrito no(s) Protocolo(s) de Assinatura constante(s) neste arquivo, de onde é possível verificar a autenticidade do mesmo.